

ESTRANHXS E INGOVERNÁVEIS

Flávia Lucchesi¹

RESUMO

Dentre os resultados da pesquisa de doutorado “Queer ingovernável: da conservadora assimilação ao fogo anarquista”, na qual procurei fazer uma genealogia do queer em meio aos anarquismos, sobressai o significado de queer enquanto força estranha, anômala, perturbadora (tradução quase literal de to queer). Sentidos também manifestos pela anarquia e, igualmente, historicamente atribuído aos anarquistas. A associação entre anarquismos e queer, quando propiciadora de perturbações à ordem, afirma a luta antiassimilação, indissociável da atitude de revolta. Trata-se da anarquia e do queer como práticas, verbos que estão em movimento. Anarquizar e queerizar, reciprocamente, convidam à demolição de fronteiras, não apenas das pátrias e Estados, dos binarismos sexo-gênero e das definições identitárias. Mas, também, aquelas erguidas entre humanos e os outros bichos e seres considerados inumanos ou ainda não humanos.

Palavras-chave: Queer, Anarquismos, Antiassimilação, Animalizar.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisadora no Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária). Contato: flalucchesi@gmail.com

A apresentação que se segue parte da tese queer ingovernável: da conservadora assimilação ao fogo anarquista em conversa com cenas do filme *Um estranho no ninho*, seguindo a sugestão proposta pelo ST “Estranhas/es/os no ninho”.

cena 1: “Are you trying to say that i’m queer?” diz Harding frente aos protestos de Taber que se queixava de sua fala, por ele tida como “imbecilidade”. Harding, negando o que havia percebido como uma insinuação sobre sua sexualidade, acrescentou que Taber e os demais loucos o faziam sentir-se “muito peculiar”.

No *Dictionary of the English Language*, publicado em 1827, a palavra queer era definida como sinonímia dos adjetivos “esquisito; estranho; original; inadequado” e de advérbios como “particularmente; estranhamente”. Aqui, o sentido de peculiar, como aquilo que é próprio de alguém, caberia igualmente.

Um dos primeiros registros notórios do uso da palavra queer enquanto um insulto à chamada homossexualidade – à qual estaria agravada por uma estranheza implicada em identificada feminilidade – remete ao Marquês de Queensbury e a década de 1890. Proveio dele a acusação contra o escritor libertário Oscar Wilde, que fora amante de seu filho, e a qual culminaria na condenação a dois anos de prisão e trabalho forçado por “indecência grave” e “sodomia”. Em pleno tribunal, durante seu julgamento, ao ser inquirido sobre o estilo “incomum” de seus escritos, Wilde respondeu: “Não sou, felizmente, penso eu, um ser comum”².

A prisão de Wilde repercutiu em diversos cantos do planeta e encontrou intenso apoio entre anarquistas. Desde os Estados Unidos, Alexander Berkman, John William Lloyd, Benjamin Tucker e, principalmente, Emma Goldman, posicionaram-se publicamente contra a detenção de Wilde e se insurgiram contra as tentativas de regulamentação das relações amorosas e sexuais por parte do Estado. Pesquisadores como Terence Kissack (2008) consideram a luta destas figuras ácratas, impulsionada pela condenação de Oscar Wilde, como a articulação pioneira nas Américas em torno da questão da homossexualidade.

Em 1923, em uma carta destinada ao médico e militante Magnus Hirschfeld, Emma Goldman contou: “como anarquista meu lugar sempre foi com os perseguidos. Eu vi refletidas na perseguição e na acusação de Oscar Wilde a cruel injustiça e a hipocrisia da sociedade que o enviou para sua ruína” (2022, p. 179).

² “O julgamento”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/21/mais!/35.html> (acesso em 18 de setembro de 2023).

cena 2: McMurphy deixa claro sua decisão de simular loucura para sair da prisão, onde era submetido ao trabalho forçado, e cumprir a pena no manicômio. No decurso do filme, evidencia-se, tanto para quem assiste como para o próprio personagem, que o período de uma pena no hospital manicomial não era o mesmo da sentença prisional.

Em 1927, no Brasil, um homem preto de 32 anos foi detido sob a acusação de “estupro” e “assassinato” de um “menor”. Com fama de feiticeiro e insubordinado, ele era conhecido como Febrônio Índio do Brasil. Seu advogado, no intuito de que seu cliente não fosse encarcerado e cumprisse a longa pena, angariou sua transferência para o Manicômio Judiciário, sob a acusação de ser um “louco moral”. O corpo de Febrônio somente saiu deste cárcere após 57 anos, já sem vida.

“Monstro satânico”, “negro delirante”, “louco furioso”, Febrônio foi até tema de canção carnavalesca nos anos 1920. Nesta época, nos programas de auditório das rádios, era comum que gritassem “Febrônio!”, causando um misto de chacota e terror na plateia. Na década de 1930, segundo mostram Peter Fry (1982) e João Silvério Trevisan (2018) o nome “Febrônio” passou a ser uma gíria carioca para designar “homossexual”.

Chama atenção uma possível correlação com o uso da palavra queer em uma história tantas vezes reduzida a um “caso criminal isolado” que explicita o racismo, preconceitos com a chamada homossexualidade e religiosidades não-monoteístas e consideradas pagãs. É o nome

próprio de um gay, preto, feiticeiro, indigente, que passa a adjetivar, como uma gíria ofensiva, o que circunscreve uma homossexualidade mais do que estranha, “monstruosa”. Se no hemisfério norte do planeta a gíria queer se propagou junto ao célebre julgamento e condenação do renomado escritor Oscar Wilde; aqui ao sul, no Brasil, uma condenação pela mesma afronta moral – acrescida das acusações de “homicídio” –, ficou esquecida, abandonada como o próprio Febrônio. E tantas outras pessoas, que tiveram e têm suas vidas sequestradas por essas instituições.

cena 3: depois da fuga de McMurphy, com apoio de Chefe, para levar alguns dos loucos pescar em alto mar, no manicômio, autoridades discutem o caso da personagem. A questão se faz sobre sua simulada ou real loucura. Ainda, não há consenso quanto a este ponto, mas todos concordam: ele é perigoso.

Perigoso: desobediente, insubordinado, revoltoso. Perigoso, como fora classificado Febrônio e, também, Oscar Wilde. Como incontáveis anarquistas

e pessoas cujas relações amorosas e com o próprio corpo, o sexo e os prazeres foram e são tidas como perigosas. Emma Goldman foi perseguida como “a mulher mais perigosa da América”.

Aqui, sobressai uma aproximação entre anarquia e queer. Queer em seu sentido estranho, perturbador. Ambos podem propiciar possibilidades outras, infinitas; abrindo-se a partir de transformações radicais de si e nas relações, por meio da revolta como impulso de vida. Revolta que se expande por meio das relações entre diferentes que não tentam apaziguar os estranhamentos, mas se lançam a eles, perturbadores e capazes de atizar transformações; perigosos.

É o queer em sua forma verbal aportuguesada, queerizar, sinônimo de perturbar. Assim como também o é anarquizar. É preciso o estranhamento, o estranho que não pode ser identificado, que é inclassificável e ingovernável. Queer e anarquia se potencializam ao andar junto e misturar suas diferenças.

Como as relações entre os loucos no filme, embora não fossem anarquistas nem queers. Mas as diferenças encontravam ecos entre eles. O que talvez tenha sido mais evidenciado na amizade entre McMurphy e Chefe, o interno indígena que se recusava a comunicar, sendo tido como surdo-mudo por todos no manicômio.

cena 4: os olhos mareados de Chefe, atrás das cercas, quando ajudou McMurphy a fugir para raptar os outros loucos e levá-los ao mar. Cena que se desdobra, no final do filme, na fuga de Chefe, forte como uma montanha, após matar McMurphy, destruído por uma lobotomia. Chefe matou o mortificado; afirmou a recusa à mortificação.

Uma das procedências do uso afirmativo e combativo da palavra queer, revidando o sentido ofensivo voltado à homossexualidade agravada por uma estranheza, remete à literatura menor estadunidense da segunda metade do século XX. No final dos anos 1980, marca-se a circulação dos livros *Borderlands la frontera* da chicana Gloria Anzaldúa (1987) e *Queer* (2017), escrito por William Burroughs na década de 1950, mas apenas publicado em 1987. Cada qual a sua maneira, Anzaldúa e Burroughs anunciavam queer como uma recusa às identificações como homossexual, gay e lésbica. Por questões diferentes, prevalecendo em Burroughs um certo culto à virilidade e à macheza, ambos afirmavam a estranheza implícita em queer. Anzaldúa, ao situar uma vida fronteiriça como um atravessar, o estar em constante mutabilidade e multiplicidade, foi explícita: “los atravesados vivem aqui: o vesgo, o perverso, o queer, o incômodo, o híbrido, o mulato, o mestiço, o quase morto; em suma, aqueles que atravessam, transitam ou vão além dos confins do ‘normal’” (ANZALDÚA, 1987, p. 03).

O enfrentamento às fronteiras, normalizações e normatizações, por meio do uso da palavra queer, ganharia outros contornos ainda neste período. Em meio aos fanzines punks, entre Canadá e Estados Unidos, a palavra queer associava-se à anarquia e à luta antiassimilação. Nas páginas do segundo número do zine *Homo-core*, inscreveu-se: “assimilação=aniquilação” (1988, p. 01). Esta luta também irrompeu no interior do próprio movimento. Os embates antiassimilação-assimilação despontaram poucos anos após a revolta de Stonewall e a articulação do Gay Liberation Front, mas tomaram proporções mais explícitas frente aos efeitos devastadores da Aids. Evidenciou-se um ativismo que se firmava como uma política democrática, inclusiva e identitária.

Diferente da luta antiassimilação radicalizada por um modo de vida libertário, como se evidencia em ações diretas de agrupamentos anarco-queers como Baedan (2012), Bash Back! (2020) e Manada de Lobxs (2014), por exemplo. Manifesta o embate ácrata contra essa ordem, a propriedade, estatal ou não; a sociabilidade autoritária, suas normatizações e governo imiscuídos nas condutas de cada um e sobre cada um; a moral, religiosa ou dita secular; a política; o capitalismo e suas impreteríveis misérias; o governo dos corpos pelas utilidades de cada gênero, pelo saber médico-*psi* e pelas assimilações rentáveis da pluralidade identitária.

Fica explícito que ao lado da inclusão colorida e bem-sucedida, continua-se a derramar muito sangue, a torturar, prender, violentar, carbonizar, mutilar, esfaquear, afogar, espancar corpos classificados como abjetos. A matar e a *mortificar*.

Considerando as análises de Michel Foucault sobre a *mortificação* no curso *Malfazer, dizer verdadeiro* (2018) de 1981, podemos considerar que a luta antiassimilação faz-se, também, como um combate à mortificação.

cena 5: McMurphy, recém-chegado ao manicômio, observa o alambrado e os arames farpados, procurando uma rota de fuga. Chefe mira ao longe, além dos buracos que enredam a quadra de basquete ou área de lazer. Um esquilo anda, leve e lépido, por entre as concertinas.

A relação entre queer e anarquismos, quando transformadora ao anarquizar-se e queerizar-se reciprocamente, leva à destruição das fronteiras. Desde o queer, com destaque para a produção de saberes do que ficou conhecido como a teoria queer, foram derrubadas as fronteiras do binarismo sexo-gênero, verdade constitutiva da cultura ocidental judaico-cristã, chancelada pela razão científica e alicerce fundante da reprodução desta ordem social. Desde os anarquismos, em

embates travados ao longo dos séculos XX e final de do XIX até o presente, foram demolidas as pátrias e fronteiras. Os anarquismos são a única força social a recusar e enfrentar as fronteiras, as forças de segurança e as guerras. Pois nenhum Estado, seja ele qual for, pode sobreviver sem essas arbitrárias e violentas instituições.

Juntos, queer e anarquismos podem propiciar também a ruptura com as fronteiras que procuram delimitar o que é o humano, ao colocarem em xeque a própria noção de humano e humanidade como a medida de todas as coisas. Gloria Anzaldúa mostrou que ao romper com o pensamento que se estrutura por fronteiras é possível que “cada passo adiante seja uma travessia” (ANZALDÚA, 1987, p. 48).

Atravessar junto com a criança, com o bicho que coexiste conosco ou com o qual nos cruzamos brevemente, seja em um percurso pela mata, durante um mergulho, ou quando recebemos visitas aladas na janela de nossas casas. Acompanhar as plantas e os fungos, que encontramos exuberantes por um caminho qualquer, que cultivamos e que nos alimentam e nos brindam com o brotar das flores, dos frutos e “viagens” sem itinerários e das quais não voltamos incólumes. Andar com o céu, não enquanto qualquer representação religiosa, mas em sua metamorfose incessante, pelas pinturas únicas de cada dia, a cada instante. Kathy Acker (2022) diria “psilocibina gratuita para todo mundo”. Perspectivas outras para encontrar outras constelações, outros modos de vida. Anárquicos, anarquizantes, estranhos, inclassificáveis e ingovernáveis, queers – enquanto essa palavra ainda não é só mais uma morta-viva.

Cena final: o título original do filme, *One Flew Over the Cuckoo's Nest*, seria traduzido literalmente como: alguém voou sobre o ninho do cuco. Cucos, além de nomearem o antigo e quase fantástico relógio de parede, são os pássaros da *ordem Cuculiformes* e da *família Cuculidae*, popularmente conhecidos por cucos pelo som de seu canto. Eles não constroem os próprios ninhos, depositam os ovos nos ninhos já construídos, de outras aves. São considerados uma espécie parasitária. É assim que os humanos, com sua razão e crença em sua superioridade, classificam as outras existências que lhes são estranhas. Parasitários são os Estados, os capitalistas, as polícias e demais forças de segurança e todos que reproduzem essas condutas em suas relações cotidianas. As diferenças que podemos observar nos e junto com os outros seres vivos podem nos ensinar, nos levar a sermos menos o que somos, a atravessar, nos animalizarmos ou nos *bichizarmos*, experienciando modos outros de existir, em suas infinitas formas, livres e liberadas.

REFERÊNCIAS

ACKER, Kathy. **A vida infantil da tarântula negra por tarântula Negra**. Tradução de Livia L.O.S Drummond. São Paulo: crocodilo edições, 2022.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute, 1987.

BAEDAN. “The Anti-social Turn” in **Baedan – journal of queer nihilism**, issue one, 2012. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/baedan-baedan>

BAROQUE, Fray; EANELLI, Tegan. *Bash Back! Ultra violência queer*. Tradução de Pontes Outras. São Paulo: crocodilo edições; n-1 edições, 2020.

BURROUGHS, William S. **Queer**. Tradução de Christian Schwartz. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Malfazer, dizer verdadeiro**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FRY, Peter. “Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei” In **EULÁLIO, Alexandre et al. Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais**. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 65- 80.

GOLDMAN, Emma. “Louise Michel. Carta a Magnus Hirschfeld” in **revista verve**, n.42. Tradução de Eliane Carvalho. São Paulo: Nu-Sol, 2022, pp. 176-204.

KISSACK, Terence. **Free Comrades: Anarchism and Homosexuality in the United States, 1985-1917**. Oakland, Edinburgh, West Virginia: AK Press, 2008.

LUCCHESI, Flávia. **Queer ingovernável: da conservadora assimilação ao fogo anarquista**. Tese de Doutorado. São Paulo: PUCSP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/39972>

MANADA DE LOBXS. **Foucault para encapuchadas**. Buenos Aires: Milena Caserola, 2014.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia atualidade**. 4a edição revisada, atualizada e ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ZINES E JORNAIS

Homocore #2, 1988.

Folha de S. Paulo. “O julgamento”, 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/21/mais!/35.html>

AUDIOVISUAIS

Um estranho no ninho. Direção de Milos Forman, 1976.